



**Ministério da Economia**  
Conselho Administrativo de Recursos Fiscais



**Processo nº** 11080.910501/2012-11  
**Recurso** Voluntário  
**Acórdão nº** 3302-011.634 – 3ª Seção de Julgamento / 3ª Câmara / 2ª Turma Ordinária  
**Sessão de** 25 de agosto de 2021  
**Recorrente** PROGER-COMERCIO IMPORTACAO E EXPORTACAO LTDA  
**Interessado** FAZENDA NACIONAL

**ASSUNTO: PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL**

Ano-calendário: 2012

PER/DCOMP. UTILIZAÇÃO DE PAGAMENTO INDEVIDO OU A MAIOR. AUSÊNCIA DE RETIFICAÇÃO DE DCTF. FALTA DE ANÁLISE DE FUNDAMENTOS DA MANIFESTAÇÃO DE INCONFORMIDADE. RETORNO DOS AUTOS À INSTÂNCIA A QUO PARA NOVA DECISÃO.

Ainda que não retificada a DCTF correspondente, o sujeito passivo pode comprovar o indébito por outros meios ao longo do contencioso administrativo fiscal. Afastada aquela exigência posta no acórdão recorrido para deixar de apreciar os demais elementos e alegações dos autos acerca do indébito utilizado em compensação, impõe-se o retorno dos autos à instância *a quo*.

Vistos, relatados e discutidos os presentes autos.

Acordam os membros do colegiado, por maioria de votos, em dar provimento parcial ao recurso, nos termos do voto da relatora. Vencido o Conselheiro Walker Araújo que negou provimento ao recurso.

(documento assinado digitalmente)

Gilson Macedo Rosenburg Filho - Presidente

(documento assinado digitalmente)

Denise Madalena Green - Relator

Participaram do presente julgamento os Conselheiros: Jorge Lima Abud, Walker Araujo, Larissa Nunes Girard, Jose Renato Pereira de Deus, Paulo Regis Venter (suplente convocado(a)), Raphael Madeira Abad, Denise Madalena Green, Gilson Macedo Rosenburg Filho (Presidente). Ausente(s) o conselheiro(a) Vinicius Guimaraes, substituído(a) pelo(a) conselheiro(a) Paulo Regis Venter (suplente convocado).

**Relatório**

Por bem descrever os fatos ocorridos, adoto o relatório da decisão recorrida, que transcrevo, a seguir:

PROGER-COMERCIO IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO LTDA, (contribuinte - requerente), com fulcro no art. 15 do Decreto n.º 70.235 de 1972 (PAF), apresenta manifestação de inconformidade ao despacho que indeferiu o pleito consubstanciado no presente processo.

Consoante despacho decisório da DRF de Origem, fl. 23, proferido em 4/9/2012, o pleito foi indeferido em face da apuração da inexistência do crédito, ou seja, o pagamento da COFINS, relativo ao período de apuração de maio/2008, efetuado em 25/5/2010, que se alega realizado indevidamente, estava completamente utilizado.

Cientificada, a contribuinte apresentou manifestações de inconformidade, fl.2 e seguintes, alegando que:

Em 29/04/2010, foi emitida a nota fiscal 8288 ( DOC 2 ), no valor de R\$ 95.550,00, e a nota fiscal 8290 ( DOC N9 3 ) no valor de R\$ 7.920,00,

Em 30/04/2010, foi emitida a nota fiscal ns 8305 9 DOC NS 4), no valor de R\$ 70.000,00, Todas emitidas para o HOSPITAL CRISTO REDENTOR.

Gerou um COFINS a pagar de R\$ 5.702,55, que foi pago na DARF geral do mês competência 04/2010, no valor total de R\$ 48.885,69 ( DOC 5 ), no dia 25/05/2010.

Ocorre que , o Hospital ao efetuar o pagamento reteve os Impostos Federais, (DOC 6, 7, 8).

Em vista disto a Empresa compensou este COFINS na competência 05/2010, no valor corrigido de R\$ 5.759,58 ( PERDCOMP, N5 32559.00157.230610.1.3.04-6019, ( DOC.Nº9 ), em 23/06/2010.

Em 10/06/2010 foi entregue a DCTF n5 35.07.64.72.72-01, { DOC 10 }, com a informação INDEVIDA de COFINS no valor de R\$ 48.885,69, enquanto o valor CORRETO é de R\$ 43.183,14.

Peio exposto pedimos reconsideração do Crédito R\$ 5.702,55, corrigido R\$ 5.759,58, conforme Despacho Decisório , n.º Rastreamento 031053184 de 04/09/2012.

Ao final requer seja reconhecido o direito creditório pleiteado no aludido processo, anexando comprovantes e memória de cálculo dos valores que entende fazer jus, além das declarações retificadas.

É o relatório.

A lide foi decidida pela 5ª Turma da DRJ em Ribeirão Preto/SP, nos termos do Acórdão n.º 14-50.954, de 13/06/2014 (fls.35/39), que, por unanimidade de votos, julgou improcedente a Manifestação de Inconformidade apresentada, nos termos da Ementa transcrita:

ASSUNTO: PROCESSO ADMINISTRATIVO FISCAL

Ano-calendário: 2012

RECONHECIMENTO DE DIREITO CREDITÓRIO. NECESSIDADE DA EXISTÊNCIA DE CRÉDITO.

A restituição, tal qual a compensação, pressupõe a existência de crédito do devedor para com o credor. O sujeito passivo não retificou a DCTF antes da apresentação da DCOMP, logo, não fez com que se materializasse junto à Administração Tributária o valor que alega ter recolhido a maior, cujo montante pretendia ver reconhecido.

Manifestação de Inconformidade Improcedente

Direito Creditório Não Reconhecido

Irresignada a interessada interpôs Recurso Voluntário (fls.44/92), após a síntese dos fatos ocorridos, em sede de preliminar defende a ocorrência da homologação tácita, com base nos arts. 48 e 49 da Lei n.º 9.784/99. No mérito pugna pela aplicação do princípio da verdade material, da razoabilidade e da proporcionalidade, uma vez que consta já na manifestação de inconformidade documentos necessários para verificação do seu direito

creditório. Diz que apresentou DCTF retificadora antes da emissão do PER/DCOMP. Por fim, requer: (i) o provimento do recurso, reformando a decisão recorrida, com a respectiva homologação da compensação; (ii) pugna pelo efeito suspensivo nos termos do art. 151, III do CTN; e, (iii) pela possibilidade de juntar documento em sede recursal. Anexa aos autos: procuração, atos societários, DACON e DIPJ.

É o relatório.

## Voto

Conselheiro Denise Madalena Green , Relator.

A Recorrente foi intimada da decisão de piso em 11/07/2014 (fl.42) e protocolou Recurso Voluntário em 12/08/2014 (fl.43) dentro do prazo de 30 (trinta) dias previsto no artigo 33, do Decreto 70.235/72<sup>1</sup>.

Desta forma, considerando que o recurso preenche os requisitos de admissibilidade, dele tomo conhecimento.

Primeiramente, cumpre registrar, enquanto a recorrente não for cientificada de uma nova decisão quanto ao mérito de sua compensação, os débitos compensados permanecem com a exigibilidade suspensa, por não se verificar decisão definitiva acerca de seus procedimentos. E, caso tal decisão não resulte na homologação total das compensações promovidas, deve ser possibilitada a discussão do mérito da compensação nas duas instâncias administrativas de julgamento, conforme o rito processual do Decreto n.º 70.235, de 06 de março de 1972 (§ 11 do art. 74 da Lei n.º 9.430, de 27 de dezembro de 1996).

Como se depreende do relato acima, o presente processo, oriundo de pedido de restituição/compensação, relativo a recolhimentos a maior da COFINS, do período de maio/2008, mediante apresentação de PER/DCOMP n.º 32569.00157.230610.1.3.04-6019, transmitida em 23/06/2010, no valor de R\$ 5.702,55, para quitação de parcela vincenda do próprio tributo.

Em verificação fiscal eletrônica do PER/DCOMP, apurou-se que não existia crédito disponível para se realizar a compensação pretendida, uma vez que o pagamento indicado já haviam sido integralmente utilizados para quitação de débitos de contribuição declarada.

Segundo a interessada em 25/05/2010, recolheu DARF no valor de R\$48.885,65, referente à competência de abril/2010, enquanto o correto seria R\$43.183,14, uma vez que ofereceu a tributação valores retidos já quitados pelo Hospital Cristo Redentor, relativos as notas fiscais n.ºs 8270, 8288 e 8305. Para comprovar o alegado junta notas fiscais (fls. 14/17), DARF (fls. 18/19), comprovante de retenção (fl. 20/21) e DCTF original (fl.22).

Contudo, da simples leitura da Ementa do Acórdão recorrido, constata-se que a primeira instância não analisou o mérito da contenda, isto é, deixou de analisar a liquidez e a certeza do crédito pleiteado, sobre o fundamento de que a DCTF não teria sido retificada antes da transmissão do Pedido de Restituição/Compensação e, em decorrência, não teria sido afluído o crédito pleiteado.

---

<sup>1</sup> Art. 33. Da decisão caberá recurso voluntário, total ou parcial, com efeito suspensivo, dentro dos trinta dias seguintes à ciência da decisão.

De fato, não se tem dúvidas de que, ao tempo da análise massiva, por sistema informatizado, das DCOMP apresentadas, os débitos declarados em DCTF correspondiam aos pagamentos efetuados, ainda que estes fossem eventualmente indevidos. Daí os despachos decisórios eletrônicos, limitados a cotejamento entre dados declarados em DCOMP e DCTF, e pagamentos efetuados com DARF, terem sido pelo indeferimento.

No entanto, também não se tem dúvidas de que a empresa já entendia, na data de protocolo dos PER/DCOMP, serem indevidos os pagamentos efetuados, independente de ter ou não retificado a respectiva DCTF. Não há que se falar, assim, em decurso de prazo para repetir o indébito, visto que os PER/DCOMP foram transmitidos dentro do prazo regular para repetição.

No presente processo, como em todos nos quais o despacho decisório é eletrônico, a fundamentação não tem como antecedente uma operação individualizada de análise por parte do Fisco, mas sim um tratamento massivo de informações. Esse tratamento massivo é efetivo quando as informações prestadas nas declarações do contribuinte são consistentes. Se há uma declaração do contribuinte (v.g. DCTF) indicando determinado valor, e ele efetivamente recolheu tal valor, o sistema certamente indicará que o pagamento foi localizado, tendo sido integralmente utilizado para quitar débitos do contribuinte. Houvesse o contribuinte retificado a DCTF anteriormente ao despacho decisório eletrônico, reduzindo o valor a recolher a título da contribuição, provavelmente não estaríamos diante de um contencioso gerado em tratamento massivo.

Assim, diante dos despachos decisórios eletrônicos, é na manifestação de inconformidade que o contribuinte é chamado a detalhar a origem de seu crédito, reunindo a documentação necessária a provar a sua liquidez e certeza do crédito. Enquanto na solicitação eletrônica de compensação bastava um preenchimento de formulário DCOMP (e o sistema informatizado checava eventuais inconsistências).

O julgador de primeira instância também tem um papel especial diante de despachos decisórios eletrônicos, porque efetuará a primeira análise humana do processo, devendo assegurar a prevalência da verdade material. Não pode o julgador atuar como a máquina, simplesmente cotejando o valor declarado em DCTF com o pago, pois tem o dever de verificar se houve realmente um recolhimento indevido/a maior, à margem da existência/ausência de retificação da DCTF.

Outrossim, o Parecer Normativo Cosit n.º 02, de 28 de agosto de 2015, orienta que a não retificação da DCTF pelo sujeito passivo não impede que o crédito informado em PER/DCOMP, e ainda não decaídos, seja comprovado por outros meios, senão vejamos:

Conclusão 22. Por todo o exposto, conclui-se:

- a) as informações declaradas em DCTF – original ou retificadora – que confirmam disponibilidade de direito creditório utilizado em PER/DCOMP, podem tornar o crédito apto a ser objeto de PER/DCOMP desde que não sejam diferentes das informações prestadas à RFB em outras declarações, tais como DIPJ e Dacon, por força do disposto no § 6º do art. 9º da IN RFB n.º 1.110, de 2010, sem prejuízo, no caso concreto, da competência da autoridade fiscal para analisar outras questões ou documentos com o fim de decidir sobre o indébito tributário;
- b) não há impedimento para que a DCTF seja retificada depois de apresentado o PER/DCOMP que utiliza como crédito pagamento inteiramente alocado na DCTF original, ainda que a retificação se dê depois do indeferimento do pedido ou da não homologação da compensação, respeitadas as restrições impostas pela IN RFB n.º 1.110, de 2010;

c) retificada a DCTF depois do despacho decisório, e apresentada manifestação de inconformidade tempestiva contra o indeferimento do PER ou contra a não homologação da DCOMP, a DRJ poderá baixar em diligência à DRF. Caso se refira apenas a erro de fato, e a revisão do despacho decisório implique o deferimento integral daquele crédito (ou homologação integral da DCOMP), cabe à DRF assim proceder.

Caso haja questão de direito a ser decidida ou a revisão seja parcial, compete ao órgão julgador administrativo decidir a lide, sem prejuízo de renúncia à instância administrativa por parte do sujeito passivo;

d) o procedimento de retificação de DCTF suspenso para análise por parte da RFB, conforme art. 9º-A da IN RFB n.º 1.110, de 2010, e que tenha sido objeto de PER/DCOMP, deve ser considerado no julgamento referente ao indeferimento/não homologação do PER/DCOMP. Caso o procedimento de retificação de DCTF se encerre com a sua homologação, o julgamento referente ao direito creditório cuja lide tenha o mesmo objeto fica prejudicado, devendo o processo ser baixado para a revisão do despacho decisório. Caso o procedimento de retificação de DCTF se encerre com a não homologação de sua retificação, o processo do recurso contra tal ato administrativo deve, por continência, ser apensado ao processo administrativo fiscal referente ao direito creditório, cabendo à DRJ analisar toda a lide. Não ocorrendo recurso contra a não homologação da retificação da DCTF, a autoridade administrativa deve comunicar o resultado de sua análise à DRJ para que essa informação seja considerada na análise da manifestação de inconformidade contra o indeferimento/não-homologação do PER/DCOMP;

**e) a não retificação da DCTF pelo sujeito passivo impedido de fazê-la em decorrência de alguma restrição contida na IN RFB n.º 1.110, de 2010, não impede que o crédito informado em PER/DCOMP, e ainda não decaído, seja comprovado por outros meios;**

f) o valor objeto de PER/DCOMP indeferido/não homologado, que venha a se tornar disponível depois de retificada a DCTF, não poderá ser objeto de nova compensação, por força da vedação contida no inciso VI do § 3º do art. 74 da Lei n.º 9.430, de 1996; e

g) Retificada a DCTF e sendo intempestiva a manifestação de inconformidade, a análise do pedido de revisão de ofício do PER/DCOMP compete à autoridade administrativa de jurisdição do sujeito passivo, observadas as restrições do Parecer Normativo n.º 8, de 3 de setembro de 2014, itens 46 a 53. (grifou-se)

Portanto, o equívoco no preenchimento da DCTF, não pode figurar como óbice a impedir nova análise do direito creditório vindicado.

Admitidas as retificações da DCTF em sede de processo de análise de PER/DCOMP após ciência do Despacho Decisório, desde que os dados constantes em ambas as declarações sejam convergentes com os dados do PER/DCOMP e estejam amparadas por documentos comprobatórios, como procedeu a recorrente.

Por essa razão, para evitar prejuízo à defesa ou evitar supressão de instância de julgamento, haja vista que as questões trazidas na Manifestação de Inconformidade não foram enfrentadas pela instância *a quo*, impõe o retorno dos autos à DRF de origem que instaurou o litígio sob esse fundamento, para que seja analisado o início de prova relativo ao conjunto probatório produzido nos autos referente ao mérito do pedido, ou seja, a origem e a procedência do crédito pleiteado, em conformidade com a escrituração mantida com observância das disposições legais, desde que evidenciada por documentos hábeis, segundo sua natureza, ou assim definidos em preceitos legais em cotejo com os registros internos da RFB.

Diante do acima exposto, voto no sentido de dar parcial provimento ao Recurso Voluntário interposto, determinando, por consequência, que os autos retornem à primeira instância de julgamento, para que seja proferida nova decisão, sendo assim analisados os

argumentos e documentos constantes dos autos, afastando-se, contudo, o óbice criado relativamente à necessidade de prévia apresentação da DCTF retificadora, com base no Parecer Normativo Cosit n.º 02, de 28 de agosto de 2015.

É como voto.

(documento assinado digitalmente)

Denise Madalena Green